

A top-down photograph of several children's hands, each holding a small, dark brown ball of soil. The children are wearing various shoes and clothing, and the background shows a garden bed with soil and some green plants. The text is overlaid on the right side of the image.

MARIANA LUZIA CALI HUPPES

Educação Infantil como lugar de encontro com a natureza:

caminhos para desemparedar
as crianças na escola.

ORIENTADORA: PROF^a DR^a SIMONE SANTOS DE ALBUQUERQUE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Mariana Luzia Cali Huppés

Educação Infantil como lugar de encontro com a natureza:
caminhos para desemparedar as crianças na escola.

Porto Alegre
2024

Mariana Luzia Cali Huppes

Educação Infantil como lugar de encontro com a natureza:

caminhos para desemparedar as crianças na escola.

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Simone Santos de Albuquerque

Porto Alegre

2024

Dedico este trabalho a todos que se empenham em desenvolver uma educação mais ecológica e sustentável, pensada com e para as crianças, permitindo que se tornem protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem. Agradeço à minha família, meu companheiro e minhas amigas, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio e encorajamento ao longo de toda minha jornada na graduação. Meu profundo agradecimento à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Simone Santos de Albuquerque, por acreditar no meu potencial e por me guiar com paciência e sabedoria durante todo o desenvolver desta pesquisa, como também durante as vivências do estágio curricular obrigatório. Obrigada por me ensinar, pela compreensão e pelos sábios conselhos sempre que a procurei para conversar.

RESUMO

A presente pesquisa busca explorar a temática Infância e Natureza, analisando a Educação Infantil como um território de reconexão com o ambiente natural e investigando caminhos para desemparedar as crianças na escola. O conceito de desemparedamento, cunhado por Léa Tiriba, é analisado a partir dos estudos da autora, destacando-se como uma proposta pedagógica que visa romper com os limites físicos e culturais impostos às crianças, promovendo experiências de aprendizado mais integradas com a natureza. Dessa maneira, a modalidade de pesquisa adotada neste trabalho de conclusão de curso caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e de caráter descritivo, pois pretende descrever e compreender as seguintes questões: 1) É possível que a escola seja um lugar de encontro com a natureza? 2) O que significa desemparedar a infância? e 3) Qual o papel das escolas frente a situação de emergência climática que enfrentamos? Os resultados indicam a importância de integrar o ambiente natural no currículo das Escolas de Educação Infantil. Os achados demonstram também que práticas pedagógicas que se conectam com a natureza contribuem significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças. Por fim, conclui-se a importância da relação das crianças com a natureza, pois além do desenvolvimento integral, o desemparedamento oportuniza uma maior consciência ambiental entre as crianças, contribuindo para a preservação e cuidado com a natureza. Destaca-se a importância de promover uma prática educativa que provoque vivências e experiências com e na natureza, tornando as escolas espaços de encontros e aprendizagens com o ambiente natural.

Palavras-chave: Educação Infantil. Infância. Natureza. Práticas Pedagógicas. Desemparedamento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Detetives da natureza.....	43
Figura 2: Criança segurando uma folha seca.....	43
Figura 3: Criança segurando uma flor.....	44
Figura 4: Giz sendo derretido no fogo de uma vela.....	44
Figura 5: Crianças derretendo giz de cera com fogo.....	45
Figura 6: Criança perfurando folhas de árvores.....	45
Figura 7: Criança brincando com barquinhos em uma poça de água.....	46
Figura 8: Criança extraíndo tinta da natureza para pigmentar um tecido.....	46
Figura 9: Ecobag tingida naturalmente.....	47
Figura 10: Criança criando com materiais coletados da natureza.....	47
Figura 11: Borboleta no Quintal.....	48
Figura 12: Porco-espinho feito com pinhas.....	48
Figura 13: Jogo da velha com gravetos e sementes.....	49
Figura 14: Jogo da memória com folhas e papelão.....	49
Figura 15: Crianças plantando alface.....	50
Figura 16: Criança regando a horta.....	50
Figura 17: Criança colhendo beterrabas.....	51
Figura 18: Crianças assando marshmallows.....	51
Figura 19: Criança dançando em volta da fogueira.....	52
Figura 20: Contação de história em volta da fogueira.....	52
Figura 21: Panela com terra e minhocas.....	53
Figura 22: Crianças cavando na terra.....	53
Figura 23: Criança segurando uma minhoca.....	54
Figura 24: Cozinha de Quintal.....	54
Figura 25: Elementos da natureza para brincar de cozinhar.....	55
Figura 26: Espaço organizado para brincar de restaurante.....	55

Figura 27: Criança salpicando alecrim em uma frigideira com água e cenoura.....	56
Figura 28: Criança segurando um bolo feito de areia, terra e cereja.....	56
Figura 29: Criança picando folhas em uma panela.....	57
Figura 30: Criança desenhando um vaso de flor com tinta.....	57
Figura 31: Criança observando um girassol com uma lupa.....	58
Figura 32: Crianças modelando a argila com água e elementos naturais.....	58
Figura 33: Crianças manuseando o barro.....	59
Figura 34: Crianças construindo um castelo com areia.....	59
Figura 35: Borboletário.....	60
Figura 36: Crianças observando o nascimento de uma borboleta.....	60
Figura 37: Criança segurando uma mariposa.....	61
Figura 38: Criança regando um vaso de plantas.....	61
Figura 39: Criança plantando uma flor.....	62
Figura 40: Jardim suspenso com caixas de leite.....	62
Figura 41: Crianças lanchando sob a sombra de uma árvore.....	63
Figura 42: Crianças fazendo piquenique na pracinha.....	63
Figura 43: Crianças brincando em uma poça de lama.....	64
Figura 44: Crianças pintando seus corpos com barro.....	64
Figura 45: Crianças construindo uma casinha com madeiras.....	65
Figura 46: Crianças brincando de acampamento.....	65
Figura 47: Criança brincando com bolachas de madeira.....	66
Figura 48: Conchas e tintas.....	66
Figura 49: Criança pintando com tinta um quadrinho decorativo.....	67
Figura 50: Estante com elementos coletados na natureza.....	67
Figura 51: Crianças brincando de estourar bolhas no parque.....	68
Figura 52: Criança fazendo uma bolha gigante.....	68
Figura 53: Criança manuseando uma lagarta.....	69

Figura 54: Criança observando uma borboleta.....	69
Figura 55: Uma lagarta na folha.....	70
Figura 56: Crianças escalando uma grande árvore.....	70
Figura 57: Crianças se aventurando na natureza.....	71
Figura 58: Crianças quebrando cascas de ovos na composteira.....	71
Figura 59: Crianças picando cascas de banana para adubar a horta.....	72
Figura 60: Crianças plantando uma árvore.....	72
Figura 61: Criança regando uma muda de árvore.....	73
Figura 62: Crianças correndo em direção a uma praça.....	73
Figura 63: Crianças brincando ao ar livre.....	74
Figura 64: Crianças explorando o barro vermelho.....	74
Figura 65: Crianças fazendo uma trilha na floresta.....	75
Figura 66: Desenho com tinta feito a partir da mistura de terra, água e cola.....	75
Figura 67: Crianças desenhando sob um papel pardo sentadas no chão de areia...76	
Figura 68: Criança pintando com tinta em um cavalete no pátio da escola.....	76
Figura 69: Criança pintando caixinhas com tinta ao ar livre.....	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produções identificadas no Lume UFRGS.....	21
Tabela 2 - Produções identificadas no Portal de Periódicos da CAPES.....	24
Tabela 3 - Produções identificadas no Google Acadêmico.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNCC — Base Nacional Comum Curricular
- CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEB — Câmara de Educação Básica
- CGAMS — Coordenação-Geral de Educação Ambiental para a Diversidade e Sustentabilidade
- CNE — Conselho Nacional de Educação
- DCNEI — Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
- EI — Educação Infantil
- EMEI — Escola Municipal de Educação Infantil
- EUA — Estados Unidos
- EVA — Acetato de Vinila
- FURG — Universidade Federal do Rio Grande
- GEPI — Grupo de Estudos e Pesquisas das Infâncias
- GITAKA — Grupo de Pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental
- JP — Jardim de praça
- LDB — Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- MEC — Ministério da Educação
- PPP — Projeto Político Pedagógico
- PNQEI — Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil
- RS — Rio Grande do Sul
- SMED — Secretaria da Educação
- TDAH — Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade
- TDN — Transtorno do Déficit de Natureza
- TEA — Transtorno do Espectro Autista
- UFPEL — Universidade Federal de Pelotas
- UFRGS — Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UNICEF — Fundo das Nações Unidas para a Infância
- UNIRIO — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INFÂNCIA E NATUREZA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1.1 ENTRE MEMÓRIAS E DESEJOS: CONSTRUINDO A JUSTIFICATIVA.....	13
1.2 DOCUMENTOS ORIENTADORES: O QUE NOS DIZEM?.....	16
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: UM PERCURSO INVESTIGATIVO.....	19
3 INFÂNCIA E NATUREZA: ESTUDOS QUE ORIENTAM A JORNADA.....	20
3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	20
3.2 O DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA.....	30
4 A CRISE CLIMÁTICA E A INFÂNCIA: QUAL O PAPEL DAS ESCOLAS?.....	35
5 ACERVO DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS COM E NA NATUREZA: CAMINHOS PARA DESEMPAREDAR.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	81

1 INFÂNCIA E NATUREZA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A relação das crianças com a natureza tem sido tema de crescente reflexão na área da Educação. Em um contexto de urbanização acelerada e de intenso uso de tecnologias digitais, as oportunidades de contato direto das crianças com ambientes naturais vêm se tornando cada vez mais escassas. Os momentos de brincadeiras na rua foram substituídos por tablets, as idas às praças e parques foram trocados por horas em frente aos videogames e smartphones. Esse novo modo de viver a infância na sociedade contemporânea vem impactando de forma catastrófica o planeta, ocasionando emergências climáticas nos diferentes cantos do mundo. Outro aspecto são os graves problemas de saúde, em especial nas crianças, que sofrem com o sedentarismo, devido ao Transtorno do Déficit de Natureza (TDN), termo cunhado nos Estados Unidos (EUA) pelo Jornalista e fundador do Children and Nature Network (Movimento Criança e Natureza), Richard Louv.

O TDN não se trata de um termo médico, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) por exemplo, mas sim um termo linguístico e uma forma eficiente, que Louv criou, para chamar atenção sobre o distanciamento dos seres humanos com a natureza, uma questão emergente da sociedade atual que causa distúrbios tanto físicos, quanto mentais e comportamentais nas crianças, sendo facilmente observados por muitos pediatras em seus consultórios e também por professores e professoras nas escolas.

As evidências apontam que os benefícios do convívio com a natureza são mútuos: assim como as crianças precisam da natureza, a natureza também precisa delas. Os estudos de Louv (2016) revelam que o contato com a natureza "...inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos." (p. 29), contribuindo assim para o seu bem estar integral. Além disso, os benefícios desse contato também estão associados ao desenvolvimento socioemocional das crianças, como a empatia, a aprendizagem de cuidados consigo, com o outro e com o ambiente, e o senso de pertencimento.

A expansão das pesquisas também têm mostrado que a exposição à natureza pode reduzir os sintomas do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças e ajudar a prevenir ou reduzir a obesidade, a miopia e a deficiência de vitamina D. E as pesquisas sugerem que o tempo na natureza pode melhorar os relacionamentos sociais e reduzir a violência, estimular o aprendizado e a criatividade, ajudar a elevar os índices em testes padronizados e servir como paliativo para o estresse tóxico, a depressão e a ansiedade. (Louv, 2019, p. 3)

Neste cenário, o conceito de "desemparedamento" da infância, proposto por Léa Tiriba (2007, 2008, 2005, 2010, 2018, 2024) oferece uma perspectiva enriquecedora para pensar a Educação Infantil como um espaço que vá além das quatro paredes da sala de aula, integrando a natureza como um elemento fundamental do processo de aprendizagem. A ideia de desemparedar propõe um rompimento com a educação confinada e estruturada em espaços fechados, permitindo que as crianças explorem, aprendam e vivenciem experiências ao ar livre, em contato direto com o ambiente natural.

Dessa forma, o presente Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem como objetivo geral compreender como a etapa da Educação Infantil, por meio de propostas educativas pensadas e planejadas, pode ser um lugar de encontro com a natureza, contribuindo para o desemparedamento e aproximação íntima das crianças com o mundo natural. Em consonância com a perspectiva do desemparedamento, esta pesquisa busca valorizar o ambiente natural como um recurso educacional potente para o desenvolvimento integral das crianças.

Os objetivos específicos deste trabalho foram pensados da seguinte forma:

- 1) Analisar o conceito de desemparedamento, a partir dos estudos de Léa Tiriba.
- 2) Compreender o papel das escolas frente a situação de crise climática¹ que nossa sociedade se encontra.

¹ Enquanto este trabalho estava sendo escrito, vivenciamos as enchentes no RS, o que intensificou ainda mais meu compromisso com a temática da pesquisa, evidenciando a escolha do objetivo dois.

ÁGUA SUSTENTÁVEL. *Enchentes Devastadoras: O Que Acontece no Rio Grande do Sul*. Blog Água Sustentável. Bruna Soldera. 13 Mai 2024. Disponível em: https://aguasustentavel.org.br/conteudo/blog/242-enchentes-devastadoras-rs?gad_source=1&gclid=Cj0KCQiAuo u6BhDhARIsAlfgrn7EaHa9WLsuxhEWkZ_OIYSb9jkZmW9PrAoM4bFX5BoeF9RIZbFwqEYaAtr4EALw_wcB.

Acesso em: Dez. 2024.

- 3) Investigar e compreender práticas pedagógicas que promovam experiências com e na natureza, elencando propostas que contribuam para ampliar o repertório dos professores e professoras da primeira infância.

Esta pesquisa pretende, assim, contribuir com o campo da Pedagogia e Educação Infantil, promovendo uma prática educativa que provoque vivências e experiências com e na natureza, corroborando para o desenvolvimento integral das crianças e para inspirar escolas que sejam espaços de encontros e aprendizagens vivenciadas com o ambiente natural.

Tendo isso elucidado, apresento, nas sessões seguintes, o desenvolvimento da pesquisa, que foi estruturada da seguinte maneira: 1.1) Entre memórias e desejos: construindo a justificativa 1.2) Documentos orientadores: o que nos dizem? 2) Caminhos metodológicos: um percurso investigativo 3) Infância e Natureza: estudos que orientam a jornada 3.1) Revisão bibliográfica 3.2) O desemparedamento da infância 4) A crise climática e a infância: qual o papel das escolas? 5) Acervo de propostas pedagógicas com e na natureza: caminhos para desemparedar! e 6) Considerações finais.

1.1 ENTRE MEMÓRIAS E DESEJOS: CONSTRUINDO A JUSTIFICATIVA

Minhas memórias de infância com a natureza são as melhores e mais fortes lembranças que tenho da minha época de criança. Os momentos de brincadeiras ao ar livre na rua da minha casa, no qual eu e meus vizinhos ficávamos até ao entardecer brincando na rua de pé na bola, policia e ladrão, taco, pega-pega. As explorações no meu quintal, o encantamento com o viveiro de passarinhos do meu pai, a hora da pracinha ou pátio na escola, os veraneios na praia, mas principalmente minhas vivências em Santo Antônio da Patrulha, numa cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul, chamada Caraá. Hoje vejo como tive uma infância feliz e plena nesse lugar!

Viajávamos com bastante frequência para visitar os parentes da minha tia Ana Cláudia e meu tio Marcos. Eu e minha família - meu pai Paulo, minha mãe Viviane, meu irmão Jonatan e por vezes minha prima Pamela - éramos sempre muito bem recebidos e acolhidos por todos. Lembro que percorríamos um longo trajeto de estrada de chão até chegar na casa, que fica bem retirada, em meio a

uma imensidão de verde. Meus olhos sempre ficavam maravilhados ao enxergar tanta natureza para investigar. As possibilidades de brincadeiras eram infinitas e nunca se esgotavam. Vale ressaltar que o sinal de internet ainda não funcionava lá naquela época, então os adultos também se envolviam e estavam plenamente conectados com a natureza que nos cercava.

Todo dia era uma aventura diferente. Acordávamos cedo, com o cantar dos galos, para tomar café da manhã e o resto do dia ficávamos do lado de fora, só retornávamos para almoçar. E assim vivi boa parte da minha infância, explorando cachoeiras, subindo morros para colher bananas, escalando árvores, comendo frutas direto do pé, tirando leite da vaca, conhecendo insetos e pássaros de todas as cores. Lembro como se fosse hoje a primeira vez que vi um tucano, foi uma experiência única.

Sem dúvidas todas essas vivências influenciam na forma como eu escolho levar minha vida hoje, tanto no âmbito pessoal como na minha trajetória docente. Sou uma pessoa extremamente preocupada com o meio ambiente, faço reciclagem de lixo em casa, evito ao máximo o uso de descartáveis e plásticos de uso único, sou vegetariana por ser contra a exploração dos animais, busco sempre reutilizar e reinventar os objetos ao invés de jogá-los fora, dentre outras coisas que faço com o intuito de reduzir o impacto das minhas ações para com o planeta.

Nas minhas experiências profissionais, sempre procuro pautar minha prática nesse viés da sustentabilidade e na utilização de materiais naturais como ferramenta pedagógica. Penso que as escolas são espaços que consomem muitos materiais e por consequência geram muito lixo, então por que não dar prioridade para a utilização de materiais mais ecológicos e sustentáveis para reduzir os impactos ao meio ambiente?

Infelizmente as escolas de Educação Infantil que trabalhei em 2017 e 2018 na cidade de Gravataí/RS eram feitas de puro cimento e utilizavam como material principal o EVA, isso me assustava e me deixava muito intrigada. As crianças não tinham contato com nada que era natural, então sempre me propus a levar a natureza até elas, mesmo que isso me custasse “olhares tortos” da direção escolar. Lembro de um dia que levei argila e água para as crianças explorarem, os olhares de reprovação dos adultos eram fuzilantes, mas a curiosidade, alegria e encantamento das crianças, mesmo eu tendo que limpar toda a sala de aula sozinha

depois, me incentivaram a continuar fazendo essa conexão criança e natureza acontecer.

Depois de muitas experiências educacionais negativas, no início de 2019 eu e minha mãe - também professora - abrimos um espaço de recreação no turno inverso escolar, para que pudéssemos proporcionar às crianças uma vivência com os valores e ideais que consideramos importantes quando pensamos no desenvolvimento pleno das crianças. E foi assim que surgiu o *Quintal da Infância*, um espaço de vivências artísticas, naturais e brincantes para crianças com faixa etária entre 5 a 11 anos. Um local que, além de propiciar o contato e cuidado com a natureza através da lida na horta, reciclagem de lixo e composteira, utilização de materiais recicláveis, passeios rotineiros em parques e praças do bairro, também respeita às infâncias, seus tempos, suas individualidades e oferece um espaço de brincar livre, longe das telas e do mundo digital, que a cada dia toma mais espaço da vida das crianças, as distanciando do mundo real e natural.

A ideia de estudar sobre a relação criança-natureza emergiu não só desse meu encantamento e entusiasmo com o mundo natural que me foi oportunizado viver desde a infância, mas principalmente pelas experiências profissionais negativas que vivenciei sendo professora de Educação Infantil. Eu tive a oportunidade de me maravilhar com a natureza de forma profunda e por isso hoje exerço uma cidadania consciente e ecológica, mas como garantir que as próximas gerações sejam comprometidas com o cuidado para/com o meio ambiente, como permitir e fortalecer um sentimento de pertencimento e noção de que somos parte desse todo, se não garantimos que esse vínculo aconteça, nem mesmo dentro das escolas?

Os estudos apontam que a falta de contato com a natureza na infância tem consequências significativas como "...obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade - falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física - e miopia são alguns dos problemas de saúde mais evidentes causados por esse contexto." (Programa Criança e Natureza, 2018, p. 16). E fora todos esses prejuízos alarmantes, a desconexão com o mundo natural é um ameaçador da existência da própria vida humana na terra, pois para cuidar, preservar e conservar o meio ambiente é preciso conhecê-lo intimamente, é necessário se encantar e se entender pertencente, compreendendo que somos natureza e essa relação não é dicotômica.

Infelizmente no decorrer da minha graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) não tive disciplinas que me subsidiaram a pensar e refletir sobre a relação entre infância e natureza, foi necessário buscar e estudar para além para embasar minha pesquisa. Após tantas leituras, cursos e reflexões, percebo o quanto é urgente que esse assunto seja mais pesquisado e debatido em cursos que formará profissionais da Educação, principalmente os que atuarão na primeira infância. Os primeiros anos de vida de um ser humano é, sem dúvida, o período mais sensível e significativo para as aprendizagens. Todas as vivências e experiências vividas nessa fase da vida moldam e constroem nossa visão de mundo, das pessoas e de nós mesmos, e é por isso que as “Creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender-ensinar...” (Tiriba, 2010, p. 2).

Diante do exposto, procuro, na próxima sessão, revisar alguns documentos que orientam a prática pedagógica na Educação Infantil a partir da perspectiva da temática da relação das crianças com a natureza.

1.2 DOCUMENTOS ORIENTADORES: O QUE NOS DIZEM?

Compreendo que é papel das escolas de Educação Infantil apresentar o mundo às crianças com outro olhar que não pela lógica acelerada de consumo que, ano após ano, vai destruindo e consumindo os recursos naturais do nosso planeta, além de propiciá-las que brinquem ao ar livre, que descubram e explorem o mundo natural e toda sua biodiversidade. Não só é papel, como também é dever, conforme previsto no *Parecer CNE/CEB nº 20/2009*, Art. 9º, que

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: [...] X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais; (p. 26)

Além disso, o *Parecer CNE/CEB nº 20/2009* também assegura que as crianças devem “brincar em pátios, quintais, praças, bosques, jardins, praias, e viver

experiências de semear, plantar e colher os frutos da terra, permitindo a construção de uma relação de identidade, reverência e respeito para com a natureza.” (p.15)

Ao analisar a *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*, compreendo que dos seis direitos de aprendizagem (conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se), dois deles se destacam quando pensamos na potencialidade da natureza para suas ações, sendo eles o direito de brincar e de explorar. O documento pontua que as crianças devem

Brincar: cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Explorar: movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (Brasil, 2017, p. 34).

Nos *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (PNQEI)* é destacado que as crianças necessitam de “5.4.6. Áreas externas com elementos da natureza (árvores, grama, plantas, areia, água);” (2024, p. 42). O documento ainda pontua, em relação à dimensão das propostas pedagógicas, que o planejamento deve contemplar a “3.2.12. Existência de ações que valorizem experiências relativas à interdependência bebê/criança natureza e à promoção do cuidado, da preservação e do conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra;” (2024, p. 28).

Segundo as *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI)*, Resolução nº 5, os espaços para a Educação Infantil devem propiciar “...os deslocamentos e movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referências das turmas e à instituição.” (2009, p. 20).

Outro documento que também serve como referência para a construção dos espaços escolares é os *Parâmetros Básicos de infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil*, e ele destaca que o ambiente físico destinado às Escolas de Educação Infantil deve ser promotor de “...descobertas, criatividade, desafios,

aprendizagem e que facilite a interação criança–criança, criança–adulto e deles com o meio ambiente. O espaço lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável e acessível para todos.” (2006, p. 8). Ademais, o documento ressalta que

A interação com o ambiente natural estimula a curiosidade e a criatividade. Sempre que for possível, deve-se prover um cuidado especial com o tratamento paisagístico, que inclui não só o aproveitamento da vegetação, mas também os diferentes tipos de recobrimento do solo, como areia, grama, terra e caminhos pavimentados. (2006, p. 27)

Nessa perspectiva, percebe-se que os pátios escolares exercem papel fundamental e central para propiciar oportunidades de movimento e também de aprendizado significativo com a natureza para os meninos e as meninas da Educação Infantil. Estar em contato com a natureza é um direito e não um privilégio! E esse direito também está previsto e descrito no documento *Crerios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças*, na qual são estabelecidos 12 critérios de atendimento para uma creche que respeite as crianças, e um dos critérios diz: “Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza.” (2009, p. 13), listando uma série de práticas concretas para adotar no cotidiano das escolas, sendo elas:

- Nossa creche procura ter plantas e canteiros em espaços disponíveis;
- Nossas crianças têm direito ao sol;
- Nossas crianças têm direito de brincar com água;
- Nossas crianças têm oportunidade de brincar com areia, argila, pedrinhas, gravetos e outros elementos da natureza;
- Sempre que possível levamos os bebês e as crianças para passear ao ar livre;
- Nossas crianças aprendem a observar, amar e preservar a natureza; Incentivamos nossas crianças a observar e respeitar os animais;
- Nossas crianças podem olhar para fora através de janelas mais baixas e com vidros transparentes;
- Nossas crianças têm oportunidade de visitar parques, jardins e zoológicos;
- Procuramos incluir as famílias na programação relativa à natureza.

Diante do exposto, defendo que as escolas precisam proporcionar às crianças experiências contínuas com a natureza. Isso não deve ser um projeto temporário, mas sim algo incorporado nas práticas cotidianas das instituições. A conexão com a água, terra, folhas, sementes e demais elementos naturais vai além de adquirir conhecimento; ela contribui para a formação de indivíduos criativos, sensíveis e engajados, que se envolvem genuinamente com o aprendizado, transcendendo os limites e as paredes da escola.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: UM PERCURSO INVESTIGATIVO

A modalidade de pesquisa adotada neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e de caráter descritivo, pois pretende descrever e compreender as seguintes questões:

1. É possível que a escola seja um lugar de encontro com a natureza?
2. O que significa desemparedar a infância?
3. Qual o papel das escolas frente a situação de crise climática que enfrentamos?

A pesquisa bibliográfica foi escolhida por permitir uma análise aprofundada dos conceitos e práticas associados ao "desemparedamento da infância" e à possibilidade de a escola se constituir como um espaço de reconexão com a natureza. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica possibilita o levantamento de teorias e o aprofundamento em conceitos essenciais ao tema investigado, permitindo a construção de uma estrutura teórica fundamentada.

Para responder às questões norteadoras foi realizada uma revisão teórica sobre o conceito de desemparedamento, com especial atenção à contribuição da autora Léa Tiriba (2007, 2008, 2005, 2010, 2018, 2024), sendo esta a perspectiva do trabalho. Esta etapa envolverá também a análise de publicações disponíveis em repositórios acadêmicos reconhecidos, como o Lume UFRGS, Portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico, para identificar os fundamentos, implicações e possibilidades do desemparedamento no contexto educacional.

Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa permite uma compreensão profunda das interações sociais e culturais, sendo apropriada para explorar conceitos subjetivos e experiências humanas complexas, como os que envolvem a

Educação Infantil e o contato com a natureza. Essa escolha metodológica justifica-se pelo desejo de aprofundar a compreensão sobre a temática *Infância e Natureza*. Com base na revisão teórica, este trabalho buscará investigar experiências educativas que promovam o desemparedamento, elencando propostas possíveis para vivências com e na natureza nas Escolas de Educação Infantil, contribuindo assim com as práticas pedagógicas de professores e professoras da primeira etapa da Educação Básica.

3 INFÂNCIA E NATUREZA: ESTUDOS QUE ORIENTAM A JORNADA

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Na intenção de identificar as pesquisas acadêmicas já produzidas na área que se aproximam da temática deste trabalho, realizou-se uma revisão bibliográfica em três buscadores de pesquisa:

- 1) Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME UFRGS)
- 2) Portal de Periódicos da CAPES;
- 3) Google Acadêmico.

A busca se deu com limitação temporal, delimitado ao período histórico de 2000 a 2023, compreendendo um período de 23 anos, e também com a delimitação de que a produção esteja relacionada à primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil, conforme a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - 9.394/96)*. Realizou-se a leitura do resumo, introdução, capítulos que se referiam a temática estudada e conclusão das produções, que foram organizadas em ordem cronológica, em três tabelas, sendo uma para cada buscador de pesquisa. Utilizou-se os seguintes descritores de busca:

- “Infância e Natureza”;
- ‘Criança e Natureza”;
- “Desemparedamento”;
- “Educação Infantil”.

Tabela 1 - Produções identificadas no Lume UFRGS

Nº	Tipo de Produção	Título	Resumo	Autores	Ano
1	Trabalho de Conclusão de Especialização	Desemparedando: potencialidades dos espaços externos em escolas de educação infantil Jardins de Praça de Porto Alegre	O trabalho analisou os espaços externos em três Escolas Municipais de Educação Infantil Jardim de Praça de Porto Alegre/RS. O objetivo foi investigar as possibilidades e as potencialidades, os limites, os recursos e os usos dos pátios nessas escolas e também se existe alguma relação da escola para com as praças públicas onde elas estão situadas.	Gisele Rodrigues Soares	2016
2	TCC	Criança e natureza: uma análise de sites de escolas de Educação Infantil	A autora busca, através da análise das práticas pedagógicas veiculadas em sites de escolas de Educação Infantil, compreender como esses espaços promovem o encontro das crianças com a natureza, visando fomentar o debate sobre a importância do contato com a natureza e do desemparedamento na primeira infância.	Renata Mota Neglia	2019
3	TCC	Criança e natureza: uma experiência em Educação Infantil	Através de uma revisão bibliográfica, a autora articula as experiências brincantes vividas na natureza em sua infância com os estudos relacionados à criança e a natureza na Educação Infantil, sublinhando a importância do brincar livre na natureza e seu poder lúdico e imaginativo.	Ester Schossler dos Santos	2019
4	TCC	O processo de desemparedamento vivenciado na prática pedagógica do estágio curricular	Este trabalho analisa o relatório final do estágio curricular vivenciado pela autora na Educação Infantil, que teve como demanda central proporcionar um maior contato das crianças com a natureza, visto que foi observado durante	Bibiana da Cunha Tubino	2019

			o estágio que essa relação das crianças com a natureza não era uma prática que acontecia na escola. A partir dos dados levantados nas análises, a autora buscou compreender quais os efeitos do processo de desemparedamento na prática pedagógica durante o estágio obrigatório curricular.		
5	Artigo	Educação infantil, pandemia e reflexões sobre o desamparadamente das infâncias	As autoras tecem reflexões acerca das transformações e desafios enfrentados na Educação Infantil em tempos de distanciamento social e, posteriormente, apresentam conceitualmente o processo de desemparedamento das infâncias, concluindo essa como uma prática e experiência relevante nesses novos tempos na qual estamos sendo desafiados a transformar bruscamente nossa prática pedagógica.	Lisandra Oliveira Silva, Karoline Hachler Ricardo, Tatiana Martins Terragno e Gabriela Nobre Bins	2021
6	Artigo	Desemparedando a Educação Infantil: um processo formativo no estágio curricular	O artigo apresenta relatos referentes ao desafio teórico-prático que englobam a formação dos discentes do Curso de Pedagogia da UFRGS e também análises de um estágio docente realizado na creche, com bebês de 1 a 2 anos. A partir do conceito de desemparedamento nas experiências vivenciadas durante o estágio, são problematizadas as potencialidades e as dificuldades durante essa etapa de formação.	Bibiana da Cunha Tubino e Simone Santos de Albuquerque	2021

7	TCC	Crianças, natureza e educação infantil: a natureza como ferramenta pedagógica	A autora procurou compreender como a Escola Municipal de Educação Infantil Nostri Bambini, em Serafina Corrêa-RS, organiza, mantém e incentiva a criação de espaços destinados ao brincar e que valorizem a aproximação da criança aos elementos da natureza.	Kelly Begnini Delazeri	2022
8	TCC	Educação ambiental começa na Educação Infantil	A pesquisa tem como objetivo compreender como os professores de uma escola pública de Guaporé/RS trabalham a Educação Ambiental na Educação Infantil com as crianças da creche e da pré-escola.	Janaina Tereza de Almeida	2022
9	TCC	A relevância da educação ambiental na Educação Infantil	A autora, por meio de uma revisão bibliográfica, procura relacionar pesquisas realizadas cujo tema se refere a Educação Infantil e Educação Ambiental, elencando atividades lúdicas apresentadas nas produções analisadas que relacionam essas duas temáticas. Tendo por objetivo entender qual a importância da criança ter contato com a natureza desde a Educação Infantil,	Suzane Aparecida Ceruti	2022
10	TCC	A natureza e a infância: um olhar sobre as propostas pedagógicas e a pedagogia Waldorf	O trabalho tem como objetivo problematizar as relações entre Educação Infantil e a natureza sob a ótica das propostas pedagógicas. Para isso, além de uma revisão bibliográfica, a autora realizou uma observação participante em uma escola que tem como base de seu currículo a pedagogia Waldorf.	Carla Coelho Kratz	2022

Tabela 2 - Produções identificadas no Portal de Periódicos da CAPES

N ^o	Tipo de Produção	Título	Resumo	Autores	Ano
1	Artigo	Educação ambiental: refletindo sobre a relação criança e natureza na Educação Infantil	Este texto apresenta o Projeto de Extensão: Educação Ambiental - refletindo sobre a relação criança e natureza na Educação Infantil.” do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O projeto realiza diversas ações voltadas para a relação da criança com a natureza, possui uma perspectiva histórico-cultural que tem como fundamento a compreensão de que o homem ao transformar a natureza a fim de atender às suas necessidades transforma a si próprio, se humaniza.	Carolina Shimomura Spinelli, Jucilaine Zucco e Juliana da Silva Euzébio	2020
2	Artigo	As interações e o brincar na e com a natureza: construindo uma infância desemparedada na creche	O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado em educação, que teve como objetivo compreender como vem sendo construído o desemparedamento da infância em uma creche da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul/SP. Parte da compreensão da preferência e do encantamento das crianças pelos espaços externos em meio à natureza para suas experiências brincantes no cotidiano da creche, demonstrando sua insatisfação quanto às rotinas rígidas e aos ambientes fechados das instituições educacionais.	Viviane Graciele de Araujo Valerio e Marta Regina Paulo da Silva	2021
3	Artigo	A concepção de duas professoras sobre o brincar na Educação Infantil, visando o desemparedamento da infância	O objetivo geral da pesquisa é analisar os processos de aprendizagem que as crianças da pré-escola podem construir, com o auxílio de seus educadores, através do brincar, enquanto frequentam a Educação Infantil. Objetivando também pensar o brincar com materiais naturais, visando o desemparedamento da infância na pré-escola.	Maristela Silva Batista	2022

4	Artigo	O brincar na Educação Infantil na perspectiva de uma Pedagogia do desemparedamento	O artigo teve como objetivo, ampliar conhecimentos e possibilidades de brincadeiras que podem ser fornecidas às crianças no processo de ensino e também elucidar os benefícios do conhecimento de aspectos de abordagens educacionais vinculadas ao processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, assim confiante para que o aluno seja um sujeito ativo nesse processo e conseqüentemente haja um desemparedamento da infância.	Maristela Silva Batista e Andrieli Thaís Hahn Rodrigues	2022
5	Artigo	Relações entre crianças bem pequenas e bebês com a natureza: apontamentos sobre processos educativos na educação infantil	Questionando o atual afastamento entre seres humanos e natureza, as autoras desenvolveram uma pesquisa em uma escola de Educação Infantil brasileira com o objetivo de compreender como crianças bem pequenas e bebês podem se relacionar com a natureza e quais os impactos desta relação para suas infâncias.	Carolina Machado Castelli e Ana Cristina Coll Delgado	2022
6	Artigo	Percepções históricas acerca da infância e a Pedagogia do desemparedamento	Considerando a infância contemporânea, que é vivenciada com a tecnologia, onde os vínculos com elementos naturais não são mais concebidos como necessários para o desenvolvimento integral da criança, a pesquisa teve como objetivo geral de avançar nos entendimentos acerca do que representa a infância e alguns marcos históricos, bem como, compreender a infância contemporânea pautada em uma pedagogia do desemparedamento, vinculada a elementos naturais e desestruturados.	Andrieli Thaís Hahn Rodrigues, Angélica Tais Schneiders e Rúbia Emmel	2022

Tabela 3 - Produções identificadas no Google Acadêmico

Nº	Tipo de Produção	Título	Resumo	Autores	Ano
1	Tese	Crianças, Natureza e Educação Infantil	A tese tem como hipótese a ideia de que há uma relação entre a degradação ambiental do planeta e a desatenção às necessidades e desejos das crianças em espaços de Educação Infantil. A autora compreende os seres humanos como entes de cultura e natureza e considera que o pertencimento à natureza foi se perdendo na sociedade contemporânea. A pesquisa, através de uma investigação qualitativa, analisa os espaços físicos de 70% dos Centros de Educação Infantil (CEIs) de Blumenau/SC, no que se refere ao tempo ao ar livre e contato com elementos do mundo natural, como terra, areia, água e vegetação.	Lea Tiriba	2005
2	Artigo	Crianças da Natureza	O texto, elaborado por solicitação do Ministério da Educação (MEC) e pela Coordenação de Educação Infantil (COEDI) tem a intenção de oferecer ideias e apontar caminhos no sentido de que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil “promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais”, como está previsto no Artigo 9º, inciso X das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI).	Lea Tiriba	2010

3	Capítulo de livro	"Desemparedar" na Educação Infantil: o que dizem a literatura e os documentos curriculares nacionais sobre o uso das áreas externas	O artigo tem como objetivo salientar que o espaço externo é um importante elemento curricular da proposta pedagógica de uma instituição de Educação Infantil (EI). A metodologia utilizada foi a revisão da literatura sobre a relevância do espaço escolar e sobre as potencialidades das áreas externas (pátios e praças) nas práticas cotidianas na EI. As autoras também buscaram evidenciar a presença de concepções sobre os espaços externos das escolas em diversos documentos curriculares nacionais.	Gisele Rodrigues Soares e Maria Luiza Rodrigues Flores	2017
4	Artigo	Vivência com a natureza no ambiente escolar na primeira infância e sua relevância para construção do respeito e cuidados com o meio ambiente	Considerando a primeira infância o período da vida mais sensível às influências que os meios social e físico podem exercer sobre a construção da personalidade, a pesquisa tem como objetivo discutir o papel indispensável que o espaço escolar assume de ressignificar a importância do meio ambiente no desenvolvimento infantil, e despertar o sentimento de pertencimento da criança à natureza, a começar pelo contato que ela deve ter com os elementos do meio natural, no cotidiano escolar. Contribuindo com isso para a formação de indivíduos reflexivos diante de atitudes positivas em relação ao meio ambiente.	Graciele Cristiane Rambo e Marli Renate von Borstel Roesler	2019
5	Capítulo de livro	O Despertar da Consciência Ecológica na Primeira Infância: A Natureza e Seus Benefícios na Educação Infantil	A pesquisa busca compreender a natureza como rico espaço de aprendizagem, reconhecendo a importância de haver, desde a primeira infância, ou seja, na primeira etapa da Educação Básica, o contato diário e constante com o ambiente natural, para que se desenvolva uma consciência ecológica de preservação e cuidado com o meio ambiente. Dialoga sobre a importância do papel da escola e dos educadores na promoção de atividades no meio natural, e defende o brincar como forma de aprendizado, priorizando o livre brincar e o brincar em ambientes naturais como fundamentais para o desenvolvimento da criatividade, imaginação e autonomia da criança.	Bárbara Cristina Paulucci Cordeiro Martorelli, Joyce Caroni Martins, Julia Tadeu Silva dos Santos e Paula e Rita de Cassia Silva Mendes	2022

A revisão da literatura sobre o tema "Educação Infantil como lugar de encontro com a natureza: caminhos para desemparedar as crianças na escola" busca contextualizar a importância do contato com o ambiente natural nos contextos escolares. Nos últimos anos, diversas pesquisas têm abordado a importância de transcender as barreiras impostas pelo ambiente escolar convencional, promovendo experiências que se conectam com a natureza. Este movimento é frequentemente descrito com o termo "desemparedamento", concepção que visa romper as paredes e muros da escola em favor de uma abordagem pedagógica que prioriza os espaços externos e o contato com o mundo natural.

Léa Tiriba, uma das principais estudiosas da área da infância e natureza, é a idealizadora deste conceito. Sua pesquisa (2010) enfatiza que quando as crianças são colocadas em contato frequente com ambientes naturais, elas desenvolvem um sentimento de pertencimento perante a natureza, o que contribui para o cuidado com o planeta. Desse modo, a autora defende que as escolas de educação infantil são espaços privilegiados, pois é ali que as crianças "...colhem suas primeiras sensações, impressões e sentimentos do viver." (Tiriba, 2010, p. 2)

Estudos realizados por Soares (2016) indicam que é necessário "...ir além de perceber o pátio e praça como apenas uma área recreativa, e sim como um significativo espaço de descobertas." (p. 25). Em sua pesquisa, a autora investiga as potencialidades e possibilidades dos espaços externos de escolas infantis jardins de praça de Porto Alegre, a partir de dois eixos norteadores das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), sendo eles a brincadeira e as interações.

Neglia (2019) argumenta que os espaços ao ar livre possibilitam "...diversas oportunidades e desafios para as crianças e proporciona momentos de descoberta e autoconhecimento. A natureza oferece um espaço favorável para que as crianças brinquem e explorem." (p.16). Para a autora, o distanciamento com a natureza se acentua através dos hábitos familiares, desse modo defende que a escola deve se opor a esses hábitos, sendo um lugar de "...encontro com a natureza, com ambientes arborizados, rica em materiais e suportes que estabeleçam conexões significativas com elementos naturais, construindo saberes e interações de respeito e harmonia." (Neglia, 2019, p. 22).

Tubino e Albuquerque, em seus estudos acerca do desemparedamento, acreditam “...que é papel da escola oportunizar o contato com o meio natural, que é algo que as crianças buscam naturalmente.” (2021, p. 17). Essa percepção partiu das vivências no estágio curricular do Curso de Pedagogia em uma creche conveniada do município de Porto Alegre, ao reconhecer que os espaços externos da escola não eram explorados e que, como consequência, as crianças não tinham contato com elementos naturais. Diante disso, no decorrer do estágio, buscou-se reconectar as crianças com a natureza, trazendo elas para fora da sala de aula.

Além disso, Valerio e Silva argumentam da urgência em “...desconsiderar as paredes de cimento e enxergar além, visto que a natureza é desejada pelas crianças e, por excelência, é um convite à aventura, um laboratório para investigações...” (2021, p. 6). As autoras acreditam que a natureza oferece uma diversidade de possibilidades às crianças, favorecendo as interações e o brincar, pois a natureza aumenta “...a potência de agir de meninos e meninas.” (2021, p. 8).

Segundo Rodrigues, Schneiders e Emmel (2022) a natureza pode ser vista como um ambiente restaurador que auxilia “...na melhora da capacidade de prestar atenção das crianças, acarretando assim, em uma melhora no processo de ensino e aprendizagem, dentre outros fatores relevantes supracitados no desenvolvimento integral da criança.” (p. 10). Para as autoras, uma pedagogia do desemparedamento favorece uma educação pensada para a infância, pois possibilita que “...as crianças estejam em ambientes com muitas possibilidades de interação com elementos naturais e a natureza em si.” (p. 10)

Percebe-se, com essa revisão bibliográfica, que os estudos e pesquisas acerca da temática sobre a relação das crianças com a natureza é um debate recente, uma vez que, das 21 pesquisas encontradas, somente 4 foram publicadas há mais de quatro anos; as 17 restantes são estudos postados entre os anos de 2019 a 2022.

Vale ressaltar também que recentemente, no segundo semestre de 2024, a Coordenação-Geral de Educação Ambiental para a Diversidade e Sustentabilidade (CGAMS), do Ministério da Educação (MEC), lançou, em parceria com o Grupo Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GiTaKa – UNIRIO), Infâncias, Ambiente e Ludicidade (Ecoinfâncias – FURG) e Grupo de Estudos e Pesquisas das Infâncias (GEPI/UFPel), um Curso de Aperfeiçoamento em *Educação Infantil Ambiental para a Justiça Climática: crianças de um território, infâncias de um*

planeta. O objetivo do curso é apoiar a formação de professores comprometidos em intervir com as crianças em seus territórios para a justiça climática, produzindo novas formas de pensar e de agir em Educação Ambiental para a qualidade da vida na Terra.

Desse modo, nota-se a importância do presente Trabalho de Conclusão de Curso, pois é emergente que esse assunto seja cada vez mais explorado e pesquisado no ambiente acadêmico, para que se alcance cada vez mais profissionais da educação e da saúde, pais e responsáveis interessados em compreender a importância das experiências e vivências com a natureza para as crianças, como também os prejuízos que esse distanciamento com o mundo natural pode acarretar.

Diante do exposto, na próxima sessão desta pesquisa, será aprofundado o conceito de desemparedamento, segundo as contribuições e anos de estudo da pesquisadora Léa Tiriba (2007, 2008, 2005, 2010, 2018, 2024).

3.2 O DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA

Antes de falarmos sobre desemparedar, é importante compreender o que significa, segundo Léa Tiriba, o emparedamento: “...criei a expressão emparedar para designar a ação de manter as crianças entre paredes...” (2018, p. 19). O termo foi cunhado pela professora e pesquisadora, ao identificar que a diminuição de acesso a áreas verdes, somada à perda de liberdade das crianças na cidade, faz com que elas fiquem cada vez mais confinadas e emparedadas – geralmente acompanhado do uso excessivo de telas.

A realidade infantil urbana é configurada entre paredes, cimento e grama sintética. São raros os espaços-tempos de céu, terra e água, elas habitam ambientes estéreis. Submetidas a rotinas rígidas, invariavelmente guiadas pelos adultos, as crianças não decidem nada sobre como gerir a própria vida. Apesar de sua paixão pelos espaços ao ar livre, são submetidas a uma vida entre paredes. (Tiriba; Assis, 2024, p. 8).

A autora relaciona esse emparedamento com três fatores, o primeiro como uma estratégia capitalista, onde o distanciamento do mundo natural, através da escassez de natureza nas cidades, gera a “produção de corpos dóceis de que o

capitalismo necessita". (Tiriba, 2005, p. 210). Corpos dóceis que não se entenderão como parte da natureza, mas sim superiores a ela. Logo, privar as meninas e os meninos do contato com o ambiente natural corrobora com a reprodução de uma cultura que explora e destrói a natureza a qualquer custo, visando somente os lucros.

O emparedamento corresponde a um padrão, materializa o imaginário social da modernidade, em que o humano existe em separado e é superior aos demais seres da natureza. Uma sociedade colonialista-capitalista não questiona o emparedamento, mas se apropria desse modo de estar no mundo, pois o emparedamento impede o estado de ser livre, mantém as crianças em condições de submissão às normas escolares, que correspondem aos interesses do sistema-mundo-colonial-moderno: um corpo aprisionado é um corpo desconectado de si, de suas vontades, de seus desejos. É, portanto, um corpo alienado de si, um corpo colonizado. (Tiriba; Assis, 2024, p. 9).

Para a pesquisadora, esse confinamento das crianças em espaços fechados e artificiais não só limita suas possibilidades de desenvolvimento integral, como também as distancia de uma relação de respeito e cuidado à natureza. À vista disso, Tiriba e Assis pontuam que "A escola precisa desemparedar, sim. Porque para amar é preciso conhecer, amar exige proximidade. Ninguém ama o que não conhece." (2024, p. 10).

Concordo com essa premissa de que é preciso alimentar esse "...amor pela vida, não apenas amor por si mesmo e pelas pessoas mais próximas. Amor pelo universo, pelas águas, pelas terras, pelo chão que pisamos; pelo território de nossa existência..." (Tiriba; Assis, 2024, p. 10). Não acredito na concepção de que as crianças estão se preparando para SER, elas já SÃO e muito. Por isso, devem desde sempre compreender que são responsáveis pelo cuidado para com o planeta e que suas ações devem se pautar em uma relação consciente e ecológica com o mundo natural, a fim de garantir a preservação da natureza.

O segundo fator que favorece o emparedamento, conforme as ideias de Tiriba, é a compreensão de que os elementos naturais são objetos sujos e promotores de doenças. As crianças são distanciadas e impedidas de vivenciar experiências sensoriais e afetivas com a natureza por conta da "...influência da visão higienista nas concepções de saúde das famílias e nas práticas pedagógicas

atuais.” (Tiriba, 2005, p. 159). Tomar um banho de chuva ou andar com os pés descalços é associado a gripe e resfriados. Manusear o barro ou pular em poças de lama não é permitido porque a terra tem sujidades que podem dar alergias ou infecções.

Além do medo de contrair enfermidades, as crianças também são impedidas desse contato com o ambiente natural pois os “...os espaços externos são os espaços da insegurança.” (Tiriba, 2005, p. 161). Os adultos se sentem inseguros em dar liberdade para as crianças explorarem os ambientes naturais por acreditarem que elas são pequenas demais e incapazes de tais aventuras, como escalar uma árvore por exemplo, pois podem cair e se machucar. Também há o medo que as crianças se percam ou sejam roubadas. E assim os medos vão distanciando a infância ainda mais da natureza. “Aprisionadas, elas vão sendo despotencializadas, adormecidas em sua curiosidade, em sua exuberância humana.” (Tiriba, 2005, p. 28).

Entretanto, se opondo a esses mitos acerca da relação dos seres humanos com a natureza, Léa Tiriba pontua que

As atividades ao ar livre proporcionam aprendizagens que se relacionam ao estado de espírito porque colocam as pessoas em sintonia com sentimentos de bem estar, onde há, portanto, equilíbrio entre o que se faz e o que se deseja fazer. Um dos efeitos do manuseio de barro, da areia, da argila é o de proporcionar este equilíbrio. (2018, p. 251)

Por último, Tiriba defende que a supervalorização das aprendizagens em sala de aula é o terceiro fator que contribui para o emparedamento. “Num contexto em que o objetivo principal é o desenvolvimento das capacidades intelectuais, o ambiente de referência é o da sala, mais propício à metodologias voltadas para captar a atenção das crianças.” (Tiriba, 2005, p. 207). A natureza convida as crianças ao movimento, à liberdade e à exploração, é por isso que as escolas dão preferência em manter as crianças em ambientes fechados, pois assim conseguem controlá-las. Desse modo, “As formas de organização do espaço e o modo de funcionamento das creches e pré-escolas expressam uma situação de emparedamento e desrespeito aos desejos do corpo.” (Tiriba, 2008, p. 35).

Tiriba aponta em sua tese de Doutorado, que “...as crianças têm verdadeiro fascínio pelos espaços externos porque eles são o lugar da liberdade” (2005, p. 208). Então por que eles são poucos utilizados? “Uma das hipóteses é a de que a concepção de conhecimento que predomina nos espaços de educação não enfatiza a sua importância.” (Tiriba, 2005, p. 166).

Ressalto ainda que essa valorização por práticas educativas em espaços internos e fechados, em detrimento a vivências com o mundo natural, ocorre pois as crianças não são o centro do planejamento dos professores e professoras. Pelo contrário, os adultos são os “...donos do planejamento, das atividades, do tempo e dos materiais pedagógicos, definindo o que, quando, onde e como as crianças devem aprender.” (Tiriba, 2005, p. 177). Não há um olhar atento para os interesses que os meninos e meninas revelam no cotidiano das escolas, pois se houvesse, estaria evidente, ao observar uma criança, o quanto um inseto, uma flor ou outras miudezas da vida a atraem e encantam profundamente, demonstrando seu desejo de conhecer e experienciar a natureza.

Assim, as vivências ao ar livre, os passeios no entorno podem ser entendidos como possibilitadores de aprendizagens de corpo inteiro, em que são incluídas a atenção curiosa, a contemplação, as sensações, as emoções, as alegrias! São aprendizagens que se realizam aqui e agora, não servem apenas para confirmar o que foi trabalhado de forma sistemática, antes ou depois. (Tiriba, 2005, p. 207)

Diante do entendimento do que é o emparedamento, desemparedar a infância se configura como a forma de romper com essa realidade atual, em que a maior parte das crianças passam seus dias aprisionadas em ambientes fechados, seja em casa, nos transportes ou na escola, local onde, na maioria das vezes, passam grande parte da sua infância.

A escola é o único espaço social que é frequentado diariamente, e durante um número significativo de horas, por adultos e crianças. É, portanto, um espaço privilegiado para a instituição de práticas educativas que contribuam para a definição de novos equilíbrios ecosófico. (Tiriba, 2005, p. 211)

Considerando este fato, de que as crianças passam longos períodos na escola, por vezes até mais tempo do que passam em casa, numa jornada de 10/12 horas por dia, cinco vezes na semana, Léa faz questionamentos e reflexões acerca de como esse modo de vida distanciado da natureza se reproduz e se materializa através de práticas pedagógicas nas Escolas de Educação Infantil. Tiriba problematiza que as crianças

[...] vêm ainda bebês de poucos meses e permanecem matriculadas até os cinco ou seis anos, pode-se dizer que, até esta época, a vida delas é aqui. Vale perguntar, então: no cotidiano das instituições de educação infantil as crianças estariam mais distantes ou mais próximas da natureza? As rotinas possibilitariam um contato mais estreito com o mundo natural? O que há aí: terra, árvores, água, areia, o quê? Como as escolas se relacionam com isto que existe de natureza para além dos humanos? (2005, p. 108)

As pesquisas apontam que “...mais de dois terços do tempo diário em que as crianças permanecem na escola se dá entre paredes.” (Tiriba; Assis, 2024, p. 8). Essa constatação atual dos autores aponta que ainda temos um vasto caminho a percorrer no que se refere ao desemparedamento das crianças na escola. É necessário muitas mudanças, tanto na infraestrutura das escolas, como nas concepções dos professores. Para Léa Tiriba, é necessário “...transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados...” (Tiriba, 2010, p. 6).

O desemparedamento se torna ainda mais evidente na primeira infância, pois crianças pequenas estão em um estágio de desenvolvimento em que a exploração sensorial e a interação direta com o ambiente físico são fundamentais para o aprendizado. Segundo Tiriba (2010), a natureza é a primeira grande professora das crianças, oferecendo-lhes a oportunidade de aprender a partir do contato direto com o mundo. Ela enfatiza que a conexão com o ambiente natural estimula a curiosidade, promove o senso de responsabilidade ambiental e favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, cognitivas e motoras. Para a autora as crianças “... vão construindo conhecimentos, valores, afetos a partir de sua experiência com o mundo.” (Tiriba, 2005, p. 191).

Ressalto que o convívio com a natureza na infância, especialmente por meio do brincar livre, ajuda a fomentar a criatividade, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e de resolver problemas, o que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento integral da criança.

Recorro às palavras de Tiriba para afirmar que “...é preciso reinventar os tempos, os espaços, as rotinas das instituições de Educação Infantil, possibilitando que as crianças tenham acesso à vida que está no entorno, isto é, possam manter e alimentar os elos que as afirmam como seres orgânicos.’ (2010, p. 6).

É importante reforçar que o contato com a natureza, com o ar livre e com os elementos naturais, não pode ser visto apenas como uma opção ou escolha de cada professor ou professora, mas sim como um direito das crianças que deve ser respeitado e propiciado a elas.

Se as crianças são os novos membros de uma espécie que se renova há milhões de anos sobre a Terra, é responsabilidade, também das escolas, ajudá-las a se constituírem como geração a quem caberá encontrar saídas para as crises que hoje a humanidade enfrenta. Caberá a elas a tarefa de buscar controlar a emissão de gases tóxicos e eliminar a poluição, administrar os recursos não renováveis, utilizar melhor a energia, conservar o solo e proteger a diversidade biológica [...] (Tiriba, 2005, p. 213)

Concordo com essa afirmação de que é responsabilidade da escola ajudar as crianças no desafiador caminho para uma vida mais sustentável, por isso, no próximo capítulo busco discutir qual o papel das escolas no que diz respeito a crise climática que nossa sociedade vivencia atualmente.

4 A CRISE CLIMÁTICA E A INFÂNCIA: QUAL O PAPEL DAS ESCOLAS?

[...] vivemos hoje o tempo em que os pássaros caem do céu, os mares escurecem, os peixes aparecem mortos nos rios, os índios perdem seu espírito. Será necessário, agora, unir todos os povos para barrar a destruição. (Tiriba, 2018, p. 259)

Sabe-se que a emergência climática afeta diversos aspectos do meio ambiente, desde padrões de precipitação de chuvas até altas variações de temperatura e ondas extremas de calor. Ela aumenta a intensidade e frequência de eventos extremos, como queimadas, ciclones e secas prolongadas. Esses

fenômenos impactam diretamente a vida humana, ameaçando a saúde, o desenvolvimento e a sobrevivência das pessoas em todo o mundo. “As crianças, por estarem ainda em desenvolvimento, são potencialmente mais suscetíveis a alterações em seu meio ambiente.” (Brasil, 2024, p. 59). É importante ressaltar também que os desastres naturais causam severos danos às escolas, dificultando o acesso e a permanência dos meninos e meninas no ambiente escolar. Isso contribui, não só para o aumento da evasão escolar, como também traz desafios de manter os serviços e as infraestruturas educacionais em funcionamento.

O CLIMA, OS ECOSISTEMAS e a sociedade humana estão conectados entre si de diversas formas. Por isso, as mudanças climáticas podem causar impactos e riscos para diferentes regiões, sistemas e setores socioeconômicos. A evolução da relação humana com a natureza proporcionou abundantes benefícios para a sociedade; entretanto, esse estreito laço originou também inúmeros impactos negativos, como mudanças substanciais nos ambientes terrestres e aquáticos, perda de biodiversidade, mudanças no clima local e regional, entre outros. (Brasil, 2024, p. 11)

Nos últimos dez anos, o Brasil enfrentou diversos desastres de grande impacto, como os rompimentos de barragens em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), o derramamento de óleo no Nordeste (2019), as queimadas na Amazônia e Pantanal (2020) e cheias extremas no Amazonas (2021). Em 2024, enquanto esta pesquisa era elaborada, enchentes atingiram o estado do Rio Grande do Sul, devastando cidades, lares e vidas que foram arrastadas pelas águas. Foram semanas de desespero, medo e muita angústia; nunca imaginei vivenciar a maior enchente da história do estado. Durante a tragédia, que ocorreu no mês de maio, eu estava realizando meu estágio curricular obrigatório de docência na Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil Jardim de Praça Meu Amiguinho - localizada no bairro Floresta, na cidade de Porto Alegre. Deste modo, considerei relevante abordar o papel das escolas em relação à crise climática, visto que vivenciei com as crianças os impactos devastadores sob toda a comunidade escolar.

A escola permaneceu 20 dias inundada, perdeu-se praticamente todo o mobiliário, brinquedos, livros e materiais. Dezenas de famílias foram atingidas, necessitando ficar em abrigos ou casas de parentes. Foram 104 dias sem atendimento presencial, desde o início da suspensão das atividades escolares, que

ocorreu no dia 2 de maio de 2024, determinado pela Secretaria de Educação (SMED). Durante essas longas semanas sem o contato diário com as crianças, foi necessário buscar estratégias para, pelo menos, assegurar e garantir alguns dos direitos básicos das crianças, como o direito à alimentação e ao brincar, por exemplo. Dessa forma, a equipe pedagógica se empenhou em montagens de kits alimentícios e kits pedagógicos para destinar às famílias.

Passado o período crítico, no qual nossos esforços estavam destinados em fazer uma busca ativa e diária pelas famílias, arrecadações de roupas, alimentos e itens de higiene, foi necessário pensar em maneiras para manter o vínculo entre as professoras e as crianças. Então, no dia 21 de maio, retornou-se com o atendimento, mas de forma virtual, através do WhatsApp com trocas de áudios, fotos e chamadas de vídeos. O retorno presencial ocorreu apenas no dia 15 de agosto, em um espaço provisório locado pela SMED, até que as obras para reformar a escola fossem finalizadas, fato que veio a ocorrer no dia 9 de novembro de 2024, com a reinauguração da EMEI JP Meu Amiguinho.

A tragédia que se abateu sobre o sul brasileiro não é uma fatalidade, não é um capricho da natureza; é uma produção histórica, fruto de um modo de conceber a vida em que a natureza é matéria prima morta para a produção industrial, é paisagem, é cenário onde os humanos, seres superiores, atuam. Articulada aos ideais do capitalismo, essa concepção do que seja a vida, o cosmos, gera uma verdadeira devastação. Não é possível extrair infinitamente porque o planeta é finito. A tragédia no Rio Grande do Sul evidencia o equívoco da civilização. (Tiriba; Assis, 2024, p. 6).

Concordo com Tiriba e Assis quando dizem que a tragédia que ocorreu no estado do Rio Grande do Sul não foi uma fatalidade, mas sim uma consequência do modo de vida centrado nos ideais capitalistas que nossa sociedade se organiza. Dito isto, é importante nos questionarmos como as escolas reproduzem essa visão de mundo para as crianças, “Indo além:...como as Instituições de Educação Infantil (IEI) materializam, em seu cotidiano, este distanciamento do mundo natural? Como, nessas circunstâncias, ensiná-las a amar e cuidar da natureza?” (Tiriba, 2010, p. 2). Desse modo, considerando que as escolas exercem papel central na formação dos indivíduos, fica claro que, para a promoção de uma educação ambiental efetiva,

A escola não poderá se manter como instituição que educa em coerência com a lógica de mercado. A tragédia do sul brasileiro evidencia a urgência de ensinar conceitos e valores necessários à produção de sociedades sustentáveis. Os currículos deverão ensinar o amor à vida. Terão de assumir que os seres humanos são seres biofílicos, que são filiados à natureza, que tem uma atração pelo que é vivo; e, para manterem-se conectados, necessitam de liberdade. (Tiriba; Assis, 2024, p. 10)

Corroboro com Louv (2016, p. 184), quando ele diz que “o modo mais eficaz de conectar as crianças com a natureza é também conectar-se à natureza”. Ou seja, é preciso que as escolas desemparedem as crianças, os professores, as famílias. As crianças precisam vivenciar e explorar a natureza todos os dias, com todos os seus sentidos, não basta vivências esporádicas. Segundo Neglia (2019, p. 16) “Os espaços da escola precisam ser pensados e planejados, é preciso pensar no ambiente externo não só como espaço de lazer, mas como espaço potencializador de aprendizagens.”. Portanto, o desemparedamento e os ambientes externos são parte fundamental do currículo quando pensamos no enfrentamento da crise climática.

Isso significa que as escolas não podem seguir ensinando o conceito de árvore pela definição de suas partes: raiz, tronco, flores e frutos... Quem necessita de árvores partidas? Apenas os processos industriais, a lógica cartesiana, que atende ao interesse industrial, que segue devastando os nossos biomas. É preciso ensinar o que é árvore no convívio com ela. As árvores são espécies companheiras, não são apenas elementos na paisagem, a nossa relação com ela não pode ser utilitária. Precisamos de uma educação que favoreça relações de reverência e contemplação, não de domínio e de controle. (Tiriba; Assis, 2024, p. 11)

É preciso também que as escolas modifiquem seus hábitos de consumo, dizendo não ao desperdício e ao consumismo, entendendo que “...há uma relação direta entre nossas compras cotidianas e a situação de emergência planetária que hoje vivemos...” (Tiriba, 2010, p. 10). Por isso, as instituições de ensino precisam reformular suas listas de materiais didáticos, se atentando em oferecer materialidades mais sustentáveis às crianças. É necessário comprar menos e reciclar e reutilizar mais. Reaproveitar “...restos de tecido e lã, envelopes, papéis coloridos, embalagens e caixas de papelão... Garrafas de refrigerante, pedaços de madeira, vidro, papelão transformam-se em material didático, jogos, brinquedos...”

(Tiriba, 2010, p. 11). Esses materiais, além de serem mais ecológicos, estimulam a criatividade e possibilitam a autoria das crianças, pois não apresentam uma funcionalidade definida, como os brinquedos já prontos.

Outro ponto importante, é propiciar a participação das crianças, adolescentes e jovens no debate acerca das crises climáticas². Isso exige a criação de espaços representativos onde possam contribuir ativamente em debates, decisões e na implementação de políticas públicas voltadas ao meio ambiente. As “...crianças e jovens têm ideias importantes acerca do que querem e precisam para prosperarem. Apenas com uma ação verdadeiramente transformadora nós poderemos deixar um planeta habitável como legado para as crianças.” (Unicef, 2021, p. 11).

Além disso, os professores precisam ter uma escuta atenta e sensível sobre o que as crianças revelam, por meio de suas múltiplas linguagens, pois são elas que habitam o espaço escolar e as práticas pedagógicas devem estar alinhadas às suas necessidades e demandas. “Essa postura exige acreditar que a criança sabe o que é bom para si e que também é competente e tem suficiente intimidade consigo mesma para ser protagonista do seu próprio processo de aprendizagem.” (Tiriba, 2018, p. 41).

Destaco que as instituições de ensino devem proporcionar uma educação ambiental às crianças, visto que, segundo a *Política Nacional de Educação Ambiental (PRONAE)*, ela promove uma consciência crítica, “...afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica.” (Brasil, 2005, p. 59). Em relação à Educação Infantil (EI), Léa Tiriba destaca que o cotidiano das crianças nos espaços da EI deve assegurar qualidade de vida no plano de três ecologias: pessoal, social e ambiental.

A ecologia pessoal diz respeito às relações de cada um consigo mesmo, às conexões de cada pessoa com o seu próprio corpo, com o inconsciente, com os mistérios da vida e da morte, com suas emoções e sensações corporais, com sua espiritualidade. A ecologia social está relacionada às relações dos seres humanos entre si, às relações geradas na vida em família, entre amigos, na escola, no bairro, na cidade, entre os povos, entre as nações. A ecologia social retrata a qualidade destas relações. A ecologia

ambiental diz respeito às relações que os seres humanos estabelecem com a natureza. Reflete as diferenciadas maneiras como os grupos humanos se relacionam com a biodiversidade, de maneira sustentável ou predadora: com o objetivo de satisfazer suas necessidades fundamentais, ou com o objetivo de apropriação-transformação-consumo-descarte, [...] (Tiriba, 2007, p. 225).

Finalizando o debate acerca do papel das escola frente à crise climática, enfatizo, como consta na *Constituição Federal Brasileira*, que os direitos das crianças e adolescentes devem ser prioridade absoluta no País (Art. 227), entretanto, segundo a UNICEF, “A crise climática está criando uma crise dos direitos das crianças.” (2021, p. 10). Concluo, portanto, a urgência das escolas adotarem uma educação mais ecológica e sustentável, apostando no respeito e na interação com a natureza como peça fundamental na construção dos seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP). Mas não basta que esses conceitos estejam apenas descritos no papel, as escolas precisam colocá-los em prática. Desse modo, no próximo capítulo, busco elencar propostas e possibilidades de brincadeiras para inspirar e auxiliar os professores nesse percurso de reconectar as crianças com a natureza.

5 ACERVO DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS COM E NA NATUREZA: CAMINHOS PARA DESEMPAREGAR!

A materialidade do brincar (água, terra, fogo e ar) abre caminhos que desembocam na substancialidade do imaginar. As matérias da brincadeira alcançam os sentidos da criança como o arco, as cordas do violino. Produz efeito esse encontro, um riquíssimo espectro de impressões e sentidos. Faz trabalhar uma imaginação vital. Uma imaginação que estabelece vínculo entre a criança e a natureza e tem capacidades específicas e maior plasticidade: é transformadora, regeneradora. (Piorsky, 2016, p. 19).

Os estudos realizados por Ghandy Piorsky, em seu livro *“Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar”* destacam que o contato das crianças com materialidades naturais é essencial para estimular todos os seus sentidos. Segundo ele, é na interação com o mundo que os meninos e meninas desencadeiam a imaginação nas suas brincadeiras. Esse processo permite à criança criar, construir e experimentar, por meio de suas diferentes linguagens, desenvolvendo habilidades motoras e criativas cada vez mais elaboradas.

Diante disso, quando pensamos no desemparedamento da infância, a escolha dos materiais disponibilizados às crianças torna-se fundamental nesse processo. Porém, ao observar os materiais e brinquedos disponíveis às crianças nas escolas, percebemos que esse repertório é composto quase exclusivamente por brinquedos industrializados, na sua grande maioria feitos de plástico. Esse tipo de materialidade não incentiva o potencial criador das crianças, pois já são entregues prontos em suas mãos. Dificilmente um carrinho deixará de ser um carrinho nas brincadeiras das crianças, pois sua função já está estabelecida. Além disso, os brinquedos de plásticos não possuem texturas, cheiros e temperaturas diversificadas; eles são todos iguais, o que não qualifica as brincadeiras.

Em contrapartida, as materialidades naturais ampliam o repertório e recursos para o brincar, expandindo as possibilidades de imaginação, criação e movimento, promovendo uma aprendizagem mais rica e significativa. Em contato com diferentes texturas e elementos as crianças realizam suas ideias, investigações e desejos. Brincar em um espaço onde a natureza é protagonista, no qual o corpo é vivido nas sutilezas, nas delicadezas dos toques, dos cheiros, dos olhares, dos sons, dos gostos, amplia os limites de descoberta pelas crianças, ou melhor, as deixa sem limites para criar e experimentar.

Recorro às palavras de Evangelista (2020) para dizer que “O contato com a natureza pode vir em doses diárias, como uma vitamina, nas brincadeiras ao ar livre... A natureza é, então, uma coprofessora.” (p. 12). Acredito que os 4 elementos naturais (terra, ar, água e fogo) trazem, cada um deles, uma aprendizagem diferente para as crianças. Segundo Piorski,

[...] Imaginar pelo fogo é criar imagens e narrativas quentes, calóricas, agitadas, guerreiras, apaixonadas, acolhedoras (se fogo íntimo) e amorosas. Imaginar pela água faz vicejar uma corporeidade fluida, entregue, emocional, saudosa e até melancólica, cheia de sentimentos, lacrimosa pela alegria ou pela saudade. Imaginar pelo ar é construir uma materialidade das levezas, da suspensão, dos vãos, fazer brinquedos expansivos, com coisas leves, penas, setas, sublimações do brincar. Imaginar pela terra é fazer coisinhas enraizadas no mundo, na vida social, no interior das formas, buracos, miniaturas, esconderijos, numa busca pela estrutura da natureza. (2016, p. 19).

Penso que a escola é um espaço privilegiado para aproximar as crianças das miudezas da natureza, despertando nelas a curiosidade e a sensibilidade para o mundo ao seu redor. Pequenos detalhes, como a textura de uma folha, o voo de um pássaro ou o ciclo de vida de uma planta, podem ser oportunidades para aprendizagens significativas. Esses elementos naturais ajudam as crianças a desenvolver uma conexão emocional com a natureza, estimulando o respeito e o cuidado com o planeta desde cedo.

Ao integrar a observação da natureza no cotidiano escolar, os professores e professoras podem criar experiências que vão além dos espaços internos tradicionais. Hortas escolares, jardins sensoriais e passeios ao ar livre tornam-se cenários para descobertas, onde as crianças podem explorar com liberdade e protagonismo. Esses momentos permitem que elas experimentem a beleza do simples, cultivando valores como paciência, atenção e contemplação, que são muitas vezes esquecidos na correria do mundo moderno.

Por fim, acredito que a escola, ao se abrir para as miudezas da natureza, promove uma educação mais integral e humanizada. Nesta conexão as crianças aprendem não apenas sobre biologia e ecologia, mas também sobre empatia e interdependência entre todos os seres vivos. Assim, considero que não só é possível, como também é necessário que a escola seja um lugar de encontro com a natureza, contribuindo para com o enfrentamento da crise climática.

Diante disso, a partir da minha prática e vivências com as crianças durante o estágio curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS, e também da minha experiência como professora do Quintal da Infância, selecionei um repertório de 30 *propostas pedagógicas que oportunizam possibilidades de brincar e se relacionar com e na natureza*, para inspirar professores e professoras nesse caminho de desemparedar nossas crianças nas escolas.

- 1) Explorar as miudezas da natureza, brincando de caçar os elementos naturais descritos na cartela.

Figura 1: Detetives da natureza.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 2: Criança segurando uma folha seca.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

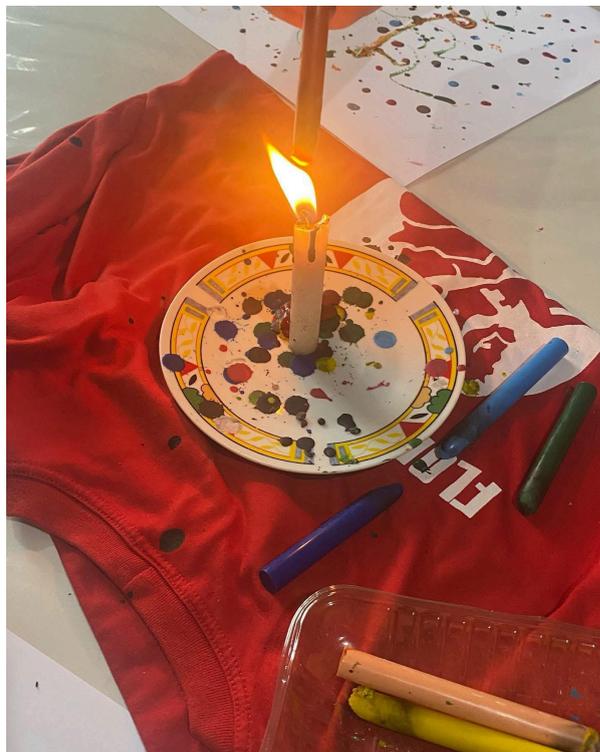
Figura 3: Criança segurando uma flor.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

2) Explorar o fogo como técnica artística, pintando com giz e vela.

Figura 4: Giz sendo derretido no fogo de uma vela.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 5: Crianças derretendo giz de cera com fogo.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

3) Fazer confetes com folhas de árvores já caídas.

Figura 6: Criança perfurando folhas de árvores.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

4) Fazer barquinhos de dobradura para navegar sob poças de chuva.

Figura 7: Criança brincando com barquinhos em uma poça de água.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

5) Fazer impressão botânica no tecido, usando martelo e folhas.

Figura 8: Criança extraindo tinta da natureza para pigmentar um tecido.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 9: Ecobag tingida naturalmente.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

6) Criação com elementos naturais

Figura 10: Criança criando com materiais coletados da natureza.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 11: Borboleta no Quintal.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 12: Porco-espinho feito com pinhas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

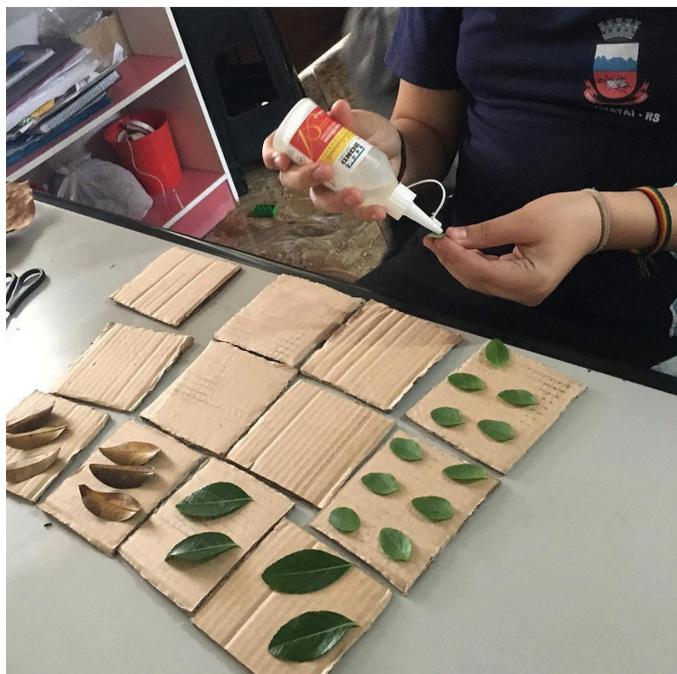
7) Confeccionar jogos com elementos da natureza.

Figura 13: Jogo da velha com gravetos e sementes.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 14: Jogo da memória com folhas e papelão.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

8) Criar uma horta para plantar, cuidar e colher.

Figura 15: Crianças plantando alface.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 16: Criança regando a horta.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 17: Criança colhendo beterrabas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

9) Construir fogueiras e explorar o fogo com cuidado e supervisão de adultos.

Figura 18: Crianças assando marshmallows na fogueira.



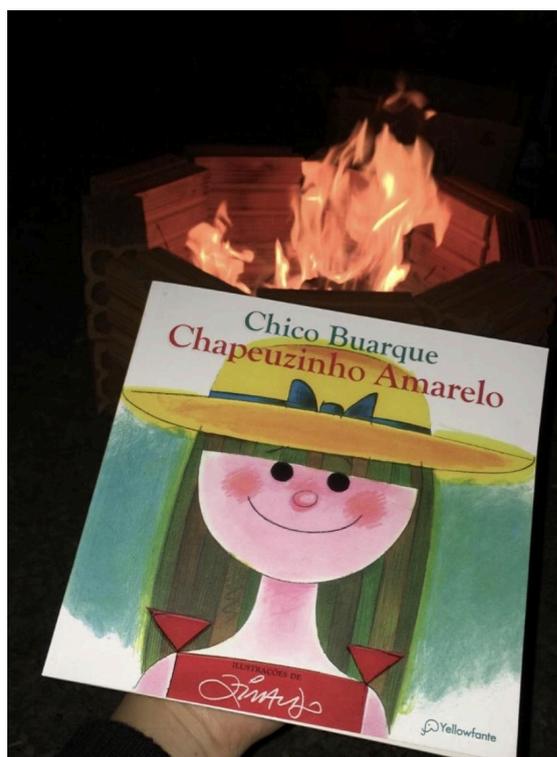
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 19: Criança dançando ao redor de uma fogueira.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 20: Contação de história em volta da fogueira.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

10) Ter um minhocário para brincar de caçar minhocas.

Figura 21: Panela com terra e minhocas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 22: Crianças cavando na terra.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 23: Criança segurando uma minhoca.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

11) Construir espaços propositivos que convidam o brincar com a natureza.

Figura 24: Cozinha de Quintal.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 25: Elementos da natureza para brincar de cozinhar.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 26: Espaço organizado para brincar de restaurante.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

12) Brincar de fazer comidinha.

Figura 27: Criança salpicando alecrim em uma frigideira com água e cenoura.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 28: Criança segurando um bolo feito de areia, terra e cereja.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 29: Criança picando folhas em uma panela.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

13) Desenhar a partir da observação de plantas.

Figura 30: Criança desenhando um vaso de flor com tinta.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 31: Criança observando um girassol com uma lupa.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

14) Brincar com areia, argila, barro.

Figura 32: Crianças modelando a argila com água e elementos naturais.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 33: Crianças manuseando o barro.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 34: Crianças construindo um castelo com areia.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

15) Criar um borboletário para observar a metamorfose das borboletas.

Figura 35: Borboletário.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 36: Crianças observando o nascimento de uma borboleta.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 37: Criança segurando uma mariposa.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

16) Cuidar das plantas.

Figura 38: Criança regando um vaso de plantas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

17) Cultivar jardins.

Figura 39: Criança plantando uma flor.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 40: Jardim suspenso com caixas de leite.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

18) Fazer piqueniques ao ar livre.

Figura 41: Crianças lanchando sob a sombra de uma árvore.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 42: Crianças fazendo piquenique na pracinha.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

19) Tomar banho de chuva e marcar-se com lama.

Figura 43: Crianças brincando em uma poça de lama.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 44: Crianças pintando seus corpos com barro.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

20) Brincar com construções com madeiras, gravetos e troncos.

Figura 45: Crianças construindo uma casinha com madeiras.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 46: Crianças brincando de acampamento.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 47: Criança brincando com bolachas de madeira.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

21) Fazer arte com conchas.

Figura 48: Conchas e tintas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 49: Criança pintando com tinta um quadrinho decorativo.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

22) Construir um espaço para colecionar tesouros da natureza.

Figura 50: Estante com elementos coletados na natureza.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

23) Brincar com bolhas de sabão gigantes.

Figura 51: Crianças brincando de estourar bolhas no parque.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 52: Criança fazendo uma bolha gigante.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

24) Observar e encantar-se com pequenos insetos.

Figura 53: Criança manuseando uma lagarta.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 54: Criança observando uma borboleta.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 55: Uma lagarta na folha.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

25) Escalar árvores.

Figura 56: Crianças escalando uma grande árvore.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 57: Crianças se aventurando na natureza.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

26) Criar uma composteira para transformar o lixo orgânico em adubo.

Figura 58: Crianças quebrando cascas de ovos na composteira.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 59: Crianças picando cascas de banana para adubar a horta.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

27) Plantar árvores.

Figura 60: Crianças plantando uma árvore.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 61: Criança regando uma muda de árvore.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

28) Ocupar parques, praças e ambientes naturais da cidade.

Figura 62: Crianças correndo em direção a uma praça.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 63: Crianças brincando ao ar livre.



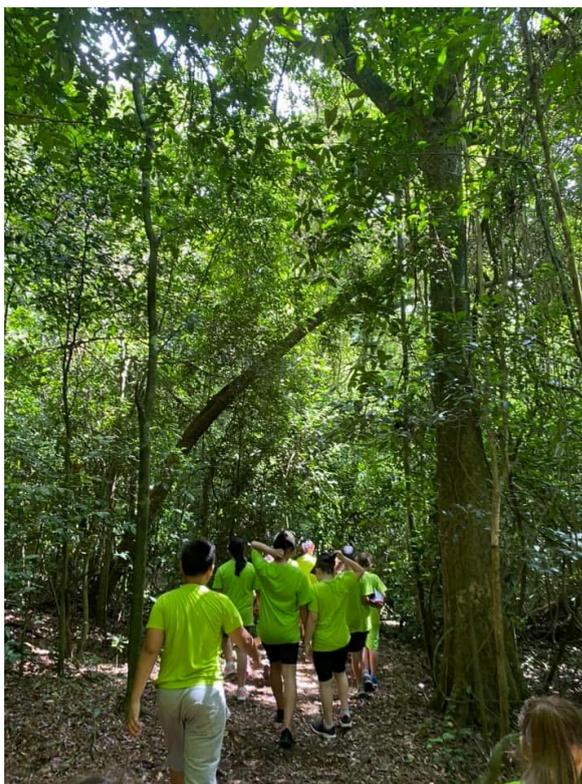
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 64: Crianças explorando o barro vermelho.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

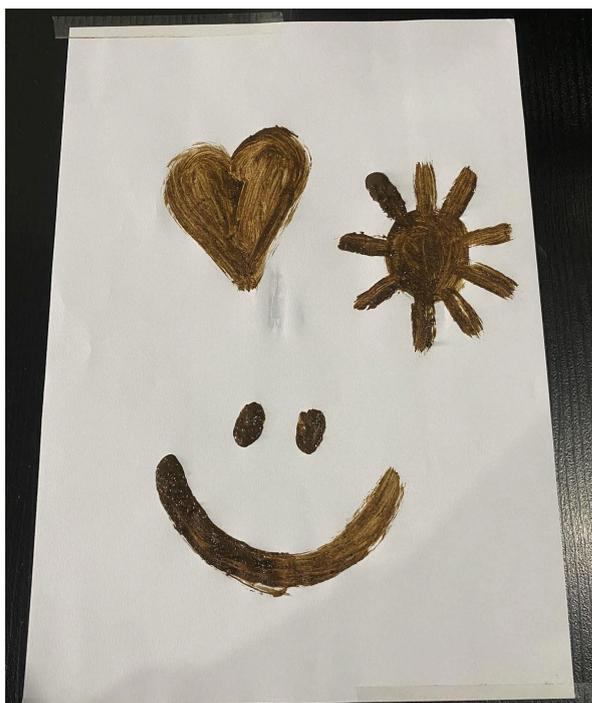
Figura 65: Crianças fazendo uma trilha na floresta.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

29) Produzir tintas naturais com terra, amora, argila, açafrão, urucum, café.

Figura 66: Desenho com tinta feita a partir da mistura de terra, água e cola.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

30) Utilizar os espaços externos como um ambiente propositivo e convidativo para a realização das propostas planejadas.

Figura 67: Crianças desenhando sob um papel pardo sentadas no chão de areia.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

Figura 68: Criança pintando com tinta em um cavalete no pátio da escola.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

Figura 69: Crianças pintando caixinhas com tinta ao ar livre.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão deste estudo sobre "Educação Infantil como lugar de encontro com a natureza: caminhos para desemparedar as crianças na escola", fica evidente a importância do ambiente natural integrado no currículo das instituições de Educação infantil. A revisão teórica realizada, bem como a composição de propostas selecionadas, indicam que práticas pedagógicas que se conectam com a natureza contribuem significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças. A literatura revela ainda que, além do desenvolvimento dessas habilidades importantes, o desemparedamento possibilita uma maior consciência ambiental entre as crianças.

Diante disso, ressalto, respondendo uma das perguntas que guiaram esta pesquisa - "*Qual o papel das escolas frente a situação de emergência climática que enfrentamos?*" -, que a escola tem papel fundamental quando pensamos na preservação do planeta e no enfrentamento da emergência climática que vivemos

hoje. Aproximar as crianças com a natureza na escola representa dar um passo a mais para a construção de cidades mais verdes, sustentáveis e ecológicas.

Tomando a escola como lugar fundamental na organização das sociedades urbanas, é urgente desemparedar. O convívio não pode ser uma opção de cada professora, mas um direito. (Tiriba, 2018, p. 246)

Reforçando as concepções de Tiriba, o acesso à natureza, por ser tão importante para o desenvolvimento, constitui-se como um direito fundamental no Brasil, reconhecido pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 225, que diz que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Entretanto, não basta que “...seja apenas um direito, é preciso que, para as crianças, seja fundamentalmente uma alegria!” (Tiriba, 2018, 343). Com isso, afirmo que

[...] se interações e brincadeiras são apontadas como eixos norteadores da proposta curricular (artigo 9º), as práticas pedagógicas devem estar atentas à manifestação infantil, aos desejos e interesses que as crianças expressam quando brincam livremente entre si. É essa atenção que assegura o respeito ao princípio estético de valorização da sensibilidade, da criatividade e da liberdade de expressão (artigo 6º), potencializadas quando em interação com os elementos naturais. (Tiriba, 2018, 344)

A pergunta de pesquisa, "*O que significa desemparedar a infância?*", encontra respostas nos estudos de Léa Tiriba (2005; 2007; 2008; 2010; 2018 e 2024), demonstrando que o desemparedamento se constitui como uma forma de romper com o modo de vida distanciado da natureza, que aprisiona as crianças, mantendo-as entre paredes em grande parte dos locais que frequentam. Desemparedar a infância é, portanto,

[...] religar as crianças com o mundo natural, dizer não ao consumismo e ao desperdício, redesenhar os caminhos de conhecer, dizer sim aos desejos do corpo e aprender-e-ensinar a democracia são necessários conceitos que atuem como ferramentas, que exerçam uma função de questionamento e

provocação da realidade, possibilitando fazer a crítica do mundo, para instaurar outros mundos. (Tiriba, 2018, p. 340)

Ao analisar as vivências da minha prática pedagógica exposta no capítulo relativo ao *acervo de propostas pedagógicas com e na natureza*, considero, respondendo a pergunta de pesquisa - “*É possível que a escola seja um lugar de encontro com a natureza?*” - que a escola pode sim ser um lugar de encontro com a natureza, e que as possibilidades de fazer esse encontro das crianças com o ambiente natural acontecer na escola são infinitas. Não é necessário grandes investimentos ou grandes espaços, mas sim um olhar sensível do professor em enxergar a natureza como um espaço/tempo/materialidade potente na construção de práticas pedagógicas. Ao dar uma caminhada na rua, por exemplo, encontramos diversos elementos naturais que podem compor as propostas e experiências planejadas, substituindo diversas materialidades artificiais que são oferecidas às crianças na escola.

Além disso, os professores podem priorizar os ambientes externos da escola, não só no tempo destinado ao pátio, mas planejando também os outros momentos da rotina do lado de fora. O lanche pode ser oferecido ao ar livre, as contações de histórias podem acontecer embaixo de uma árvore, o acolhimento no momento de chegada das crianças na escola pode ser no pátio, as propostas podem ser desenvolvidas nas áreas externas.

Garantir um tempo importante da jornada das crianças na educação infantil no pátio implica entender que as áreas externas são tão importantes e produtivas como o espaço interno. As áreas abertas devem fazer parte da proposta pedagógica de uma escola, que pensa constantemente na sua organização, usos e potencialidades, como um elemento do currículo para as crianças. (Soares; Flores, 2017, p. 17)

Por isso, enfatizo que é preciso verdejar as escolas, pela saúde e bem estar das crianças e de toda a comunidade. Substituir o cimento por áreas verdes, criar hortas, composteiras e minhocários, plantar árvores e flores, incentivar propostas ao ar livre, utilizar materiais naturais como recurso pedagógico, ocupar as praças e parques das cidades. Para promover uma infância mais rica em natureza, é importante que existam ações organizadas pelos diferentes setores da sociedade.

As famílias, as áreas de educação e saúde devem contribuir para maior aproximação da vivência com a natureza, promovendo um desenvolvimento mais saudável aos meninos e meninas.

Se desejamos transformar creches e pré-escolas em espaços que contribuam para a saúde física e emocional das crianças, será necessário investir na descoberta e na valorização dos espaços ao ar livre [...], porque esses são espaços em que as crianças fazem bons encontros com o universo natural que está para além de nós: os céus, as nuvens, o vento, o sol aí estão e estarão pela eternidade... esse universo de árvores, montanhas, riachos, mares que tanto nos encanta e dos quais nos distanciamos na dinâmica escolar... esse universo de areia, de terra, de barro e lama, de água, que é objeto de pesquisa das crianças e ao qual elas se entregam com interesse. Todos são espaços de conhecimento, de aprendizagem. (Tiriba, 2018, p. 313)

Portanto, a conclusão deste trabalho não apenas realça o impacto significativo do contato com a natureza na Educação Infantil, mas também oferece uma base para a continuação da investigação científica em contextos educativos contemporâneos, promovendo debates e reflexões acerca da temática *Infância e Natureza*. Desse modo, julgo a importância da presente pesquisa para a área da educação como um todo, mas especialmente para todos os professores e professoras da primeira infância, por acreditar que é desde bebês que esse vínculo com a natureza deve ser construído.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Mudança do Clima no Brasil: Síntese Atualizada e Perspectivas para Decisões Estratégicas**. Brasília, DF: MCTI, 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/cgcl/arquivos/Relatorio_Mudanca_Cl
ima_Brasil.pdf](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/cgcl/arquivos/Relatorio_Mudanca_Clima_Brasil.pdf). Acesso em: Nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf Acesso em: Ago. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit
e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit
e.pdf). Acesso em: Out. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 9394/1996. Brasília, DF: Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: Ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 20/2009**, de 11 de novembro de 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf. Acesso em: 15 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2006 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/miolo_infraestr.pdf. Acesso em: Out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças**. Brasília, DF: MEC, 2009 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>. Acesso em: Out. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: Ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Ambiental (Pronea)**. Brasília, DF: MEC, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>. Acesso em: Nov. 2024.

EVANGELISTA, M. M. . **A Pedagogia da Natureza**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Instituto Sustentar de Responsabilidade Socioambiental, 2020. Disponível em: <https://www.bichosdopantanal.org/wp-content/uploads/2020/11/Livreto-Pedagogia-da-Natureza.pdf>. Acesso em: Dez. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2009.

NEGLIA, Renata Mota. **Criança e natureza: uma análise de sites de escolas de Educação Infantil**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/199255>. Acesso em: Dez. 2024.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do Transtorno do Déficit de Natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

LOUV, Richard. **Ar livre para todos: Um movimento global nascente advoga que o acesso à natureza é um direito humano**. Revista Sierra Club. 2019. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Artigo-R.-Louv.docx.pdf>. Acesso em: Ago. 2023.

Programa Criança e Natureza. **Desemparedamento da infância: A escola como lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Artigo-R.-Louv.docx.pdf>. Acesso em: Out. 2024.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RODRIGUES, Andrieli Taís Hahn; SCHNEIDERS, Angélica Tais; EMMEL, Rúbia. **Percepções históricas acerca da infância e a pedagogia do desemparedamento**. Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa, 2022. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/205>. Acesso em: Dez. 2024.

SOARES, Gisele. **“Desemparedando”:** potencialidades dos espaços externos em escolas de educação infantil Jardins de Praça de Porto Alegre. Especialização (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/152899>. Acesso em: Nov 2024.

SOARES, Gisele Rodrigues; FLORES, Maria Luiza Rodrigues. **Desemparedar na Educação Infantil: o que dizem a literatura e os documentos curriculares nacionais sobre o uso das áreas externas**. In: Para pensar a educação infantil em tempos de retrocessos : lutamos pela educação infantil. Porto Alegre : Ed. da

UFRGS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/171141>. Acesso em: Dez. 2024.

TUBINO, Bibiana; ALBUQUERQUE, Simone. **Desemparedando a Educação Infantil: um processo formativo no estágio curricular**. Olhar de Professor, [S. l.], v. 24, p. 1–19, 2021. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.24.15955.006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/223198>. Acesso em: Dez. 2024.

TIRIBA, Lea. **Crianças da Natureza**. Ministério da Educação e do desporto. Coordenadoria de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file> Acesso em: Ago. 2023.

TIRIBA, Lea. **Crianças, Natureza e Educação Infantil**. 2005. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=7704&di=1>. Acesso em: Out. 2023.

TIRIBA, L.; ASSIS, F. **(Sobre)viver e educar nas cidades: apontamentos pós-tragédia ambiental no sul brasileiro**. In: ARTEIRO, G.; MATIELO, A.; CORREIA, R. (org.). O habitar das infâncias e juventudes: territorialidades em rede. Rio de Janeiro: Editora Paisagens Híbridas, 2024. (no prelo).

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, Lea. **Reinventando relações entre seres humanos e natureza nos espaços de Educação Infantil**. In: MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel (Org.). Vamos cuidar do Brasil – Conceitos e Práticas em Educação Ambiental na Escola. 1. ed. Brasília: MEC, 2007. p. 219-228. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183079>. Acesso em: Nov. 2024.

TIRIBA, Lea. **Diálogos entre pedagogia e arquitetura**. Revista Presença Pedagógica, p. 29-36, 05 set. 2008. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/14352820/dialogos-entre-pedagogia-e-arquitetura-presenca-pedagogica>. Acesso em: Nov. 2024.

UNICEF. **The Climate Crisis is a Child Rights Crisis: Introducing the Children’s Climate Risk Index**. New York: United Nations Children’s Fund (UNICEF), 2021. Disponível em: https://www.unicef.org/sites/default/files/2021-08/%5BPortuguese%5D%20CCRI%20Executive%20Summary_0.pdf. Acesso em: Nov. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Ultrapassando Fronteiras: Educação Ambiental, Justiça Ambiental e Conflitos no Extremo Sul do Brasil e Leste Uruguaio**. Rio Grande: FURG, 2024. Disponível em: <https://sinsc.furg.br/detalheseventos/2445>. Acesso em: Dez. 2024.

VALERIO, Viviane Graciele de Araujo; SILVA, Marta Regina Paulo da. **AS INTERAÇÕES E O BRINCAR NA E COM A NATUREZA: CONSTRUINDO UMA INFÂNCIA DESEMPAREDADA NA CRECHE.** Interfaces Científicas - Educação, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2021v10n3p407-423>. Acesso em: Dez. 2024.